

## **Os processos experimentais e as transformações observáveis no jornalismo e na sociedade – em debate, as mudanças no cenário**

*Ana Lúcia de Medeiros Batista<sup>1</sup>*

### **Resumo**

Um intenso movimento nas ruas. Milhões de pessoas reivindicando mudanças. Essa foi a cena que se apresentou em junho de 2013, no Brasil, sob o olhar atento e a participação ativa de jovens que, utilizando os recursos oferecidos pela internet, faziam a transmissão das manifestações em tempo real. A situação também ganhou espaço privilegiado nas emissoras de TV e rádio, nos jornais e revistas da mídia tradicional. Essa situação faz parte de uma sociedade em midiatização, na qual as relações entre sociedade e meios de comunicação são intensas e provocam transformações. Para Braga (2011, p.7), “o aspecto positivo da situação atual de midiatização é a multiplicação de oportunidades de experimentação”. [...] “a tentativa do processo ultrapassa as tentativas dos participantes – a própria produção de ‘códigos interacionais’ é tentativa e se fixa ou se dilui na medida mesmo da produção de resultados sociais, conforme os objetivos locais que lhe são atribuídos e que, sabemos, sofrem deslocamentos ou mutações (BRAGA, 2012, p. 6). Identificamos nesses movimentos da sociedade a tentativa de organização para ver novas ações do poder público em benefício da própria sociedade nos aspectos econômicos, políticos e sociais. Por outro lado, as formas de produção e transmissão das informações revelaram mutações no jornalismo. Para compreender os processos de transformações na sociedade e no jornalismo, escolhemos o programa Roda Viva, da TV Cultura, exibido no dia 5 de agosto de 2013, para identificar elementos observáveis no estabelecimento das relações entre a mídia tradicional e a Mídia Ninja e as possíveis transformações ocorridas no jornalismo e na sociedade a partir da cobertura midiática das manifestações que mudaram a paisagem urbana brasileira. O programa teve no centro da roda os idealizadores do grupo Mídia Ninja, que foram entrevistados por jornalistas de grandes jornais e revistas do país.

### **Palavras-chave:**

Programa Roda Viva; Mídia Ninja; Mídia tradicional.

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB).

## **Abstract**

Intense movement in the streets. Millions of people clamoring for change. That was the scene in Brazil in June 2013, unfolding under the close scrutiny of young people and with their active participation as they made use of all the resources offered by the Internet to provide real time transmissions of the demonstrations. The situation also gained generous space on TV and Radio and in the newspapers and magazines of the traditional printed media. This situation exists in the context of a society undergoing a mediatization process marked by intense relations between society at large and the communication media and by the transformations they lead to. In the view of Braga (2011, p. 7) “the positive aspect of the current mediatization process is the multiplication of opportunities for experimentation”. [...] “what the process itself attempts goes far beyond the efforts of its participants – the very production of ‘interactional conventions’ is tentative and becomes fixed or diluted according to the measure of the social results it obtains; according to the objectives attributed to it locally, which, as we know, are susceptible to shifts or mutations (BRAGA, 2012, p. 6). We could see, in those movements, society’s efforts to organize itself and to obtain new actions from the public authorities designed to benefit society as a whole; economically, socially and politically. On the other hand, the ways information is being produced and transmitted revealed mutations in journalism itself. To gain a better understanding of the transformations in society and in journalism, we selected the discussion program *Roda Viva*, broadcast by the TV Cultura channel on August 5, 2013, to identify any outstanding elements in the establishment of relations between the traditional media and the more recently founded *Mídia Ninja* [Ninja Media] and also, any transformations that may have taken place in journalism and society, stemming directly from the media coverage of demonstrations that have effectively changed the Brazilian urban landscape. The program had, at the centre of the debating circle, the idealizers of the *Mídia Ninja* group, who were interviewed by journalists attached to leading Brazilian newspapers and magazines.

## **Keywords:**

Program *Roda Viva*; *Mídia Ninja* group; Traditional printed media.

## Texto

As ruas do Brasil sofreram transformações significativas no mês de junho de 2013. As reações concretas nos espaços públicos eram vistas e sentidas não só nas principais capitais, mas também em lugares tradicionalmente de pouca visibilidade. Mesmo quem estava fechado em seu ambiente privado sentiu a vibração das ruas, que ultrapassou paredes. Os gritos emergiram do espaço virtual, principal instrumento de articulação entre cidadãos comuns e grupos organizados para tornar público o desejo de mudanças nos campos políticos, econômicos e sociais.

A mídia tradicional e as redes sociais deram ampla repercussão aos principais protestos que eclodiram pelo Brasil. As transmissões feitas em tempo real estavam sob o comando de um grupo de mídia alternativa, até então desconhecido por muitos, a Mídia Ninja, que ganhou destaque na grande mídia do Brasil e de diversos outros países.

Na tentativa de compreender a situação geral que envolve a sociedade e a ampla cobertura midiática dos protestos que mudaram a paisagem urbana brasileira, decidimos analisar um desses espaços do jornalismo tradicional que deram voz à mídia alternativa. Escolhemos o programa Roda Viva, da TV Cultura. Observamos detalhes das falas dos jornalistas da mídia clássica, no papel de entrevistadores, e os representantes da Mídia Ninja, na condição de entrevistados.

A entrevista (ou debate)<sup>2</sup> nos ajuda a compreender em que aspectos os princípios básicos do jornalismo clássico são colocados em pauta e podem sofrer deslocamentos a partir do modo de transmissão feito pela Mídia Ninja, que se apresenta como uma alternativa à forma de produção jornalística tradicional.

Nos interessa perceber de que modo o debate realizado no Roda Viva, importante espaço da mídia tradicional, nos oferece pistas para compreender as transformações observáveis no jornalismo no século XXI no contexto de uma sociedade em mediação.

O cenário do programa Roda Viva (edição de 5 de agosto) se configurou com características peculiares. Dois personagens singulares ocuparam o centro da roda: os

---

<sup>2</sup> Neste texto, ora usamos o termo entrevista ora a expressão debate para fazer referência ao programa que escolhemos para analisar. Adotamos a descrição de Braga (2007, p. 1): “Quanto ao gênero, o Roda Viva se estrutura como um misto de programa de entrevistas e programa de debates”.

idealizadores do grupo Mídia Ninja: o jornalista Bruno Torturra e o produtor cultural Pablo Capilé.

Posicionados nas duas cadeiras giratórias no centro do Roda Viva, Torturra e Capilé foram sabatinados pelo seguinte time de jornalistas da mídia tradicional brasileira: Suzana Singer, ombudsman do jornal *Folha de S. Paulo*; Alberto Dines, editor do *site* e do programa *Observatório da Imprensa*; Eugênio Bucci, colunista do jornal *O Estado de S. Paulo* e da revista *Época*; Wilson Moherdau, diretor da revista *Telecom*; e Caio Túlio Costa, consultor de mídia e professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). O programa foi conduzido por Mario Sergio Conti.

Embora em um primeiro momento o debate apresente características de um embate, ao analisarmos mais detalhadamente a postura de cada participante, podemos inferir que cada pessoa assume o papel que lhe cabe: os entrevistadores questionam enfaticamente os entrevistados; e os dois convidados adotam argumentos essenciais para garantir que o seu ponto de vista seja colocado com a clareza necessária. Sai ganhando o telespectador, que tem a oportunidade de acompanhar uma entrevista rica em detalhes de conteúdo e de performances, numa dinâmica envolvente.

Na abertura do programa, como habitualmente ocorre, uma pequena reportagem conta um pouco da trajetória dos entrevistados. A particularidade neste caso é que o texto vem acompanhado de imagens dos protestos nas ruas. Junto com as manifestações, cenas da cobertura feita em tempo real pelos “ninjas”, que aparecem como personagens da notícia, inclusive com o registro da prisão de um deles. O número expressivo de pessoas que levantavam faixas com reivindicações político-econômico-sociais se confundia com a dos muitos responsáveis pela transmissão de informações ao vivo e em cores.

Entre os itens que destacamos no debate está a relação entre o modo tradicional de se fazer jornalismo e o modo como a Mídia Ninja faz a transmissão das informações durante a cobertura de um evento (no caso, as manifestações de junho).

Já no primeiro momento, Bruno Torturra identifica o que caracteriza o coletivo de jornalismo Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) como sendo efetivamente um trabalho jornalístico:

**Bruno Torturra** – É uma rede de jornalismo independente que já começou há muito mais tempo do que as pessoas imaginam, fruto de um processo muito mais longo de conexão de coletivos culturais no país inteiro ao longo dos últimos dez anos. A gente faz jornalismo, sim, e eu acho até curioso haver

uma dúvida se o que a gente faz é ou não jornalismo. Acho que dá para discutir que tipo de jornalismo a gente faz, dá para discutir a qualidade e a relevância dele, mas acho que o fato de ser um grupo organizado, de se colocar como um veículo, de ter uma dedicação diária e de transmitir informação da maneira mais crua, mais honesta, da maneira mais abrangente possível dentro das nossas limitações, acredito que é jornalismo sim.

Na expectativa de cumprir uma pauta comum, que funciona como um conjunto de perguntas divididas entre os entrevistadores, a equipe do Roda Viva atua de modo articulado, com objetivo comum. Cada integrante usa a sua competência para explorar os assuntos sobre os quais mais entende. É o que observamos, por exemplo, quando o consultor de mídia digital, Caio Túlio Costa, e o executivo de uma revista voltada para o mercado corporativo de telecomunicações e informações, Wilson Moherdauí, abordam um item da *pauta conjunta*<sup>3</sup> que diz respeito às tecnologias das quais se fez valer a Mídia Ninja para garantir a manutenção e o avanço como um modo de produção e transmissão de informações:

**Caio Túlio Costa** – Um dos grandes problemas do jornalismo, hoje, mais localizado nos jornais e revistas, principalmente, é que eles estão enfrentando uma dificuldade muito grande em migrar as suas operações para a *Web* e ter rentabilidade nessas operações. A rentabilidade na *Web* não é a mesma rentabilidade que tem nos seus produtos tradicionais. Vocês acham possível praticar nesse jornalismo que vocês fazem hoje, que é um jornalismo feito ali no calor do momento com transmissões com muita tecnologia e se aproveitando das redes que aí estão, que são redes privadas, inclusive, vocês acham possível que, passado esse primeiro momento de implantação disso que vocês estão fazendo, vocês consigam rentabilizar isso à altura da necessidade de manter, por exemplo, o Bruno [Torturra] com um salário razoavelmente digno?

**Wilson Moherdauí complementa a pergunta do colega:**

Só pra aproveitar, vou usar um jargão do capitalismo selvagem, que é modelo de negócio. A gente quer saber como é que vocês vão viabilizar esse negócio daqui pra frente.

A resposta de Pablo Capilé nos proporciona a percepção de que, na condição de produtor cultural, ele tenta adotar no trabalho de transmissão de informações uma lógica semelhante à da produção musical:

A experiência que a gente teve na música, dez anos atrás, é bastante referencial para o que vivemos hoje no jornalismo.

---

<sup>3</sup> Expressão nossa

Caio Túlio Costa volta à cena:

É, mas ali você tem o artista, a magia da música. No jornalismo é bastante diferente.

Torturra se posiciona, completando a resposta do parceiro de criação do grupo Mídia Ninja: Isso revela que Pablo Capilé e Bruno Torturra também adotam a mesma tática do trabalho conjunto exercido pelos entrevistadores. Estabelece-se aí uma espécie de jogo do qual participam o time dos entrevistados e a equipe de entrevistadores:

**Bruno Torturra** – A sua pergunta na verdade diz muito sobre a própria razão pela qual a mídia está em crise financeira, porque ela é vista, antes de mais nada, como um modelo de negócio, como algo que deve gerar lucro da mesma forma que uma indústria gera. E acho que nas últimas décadas a informação foi, cada vez mais, sendo tratada como um *commoditie*. Acho que, pelo próprio modo como os jornais migraram para a internet, eles não entenderam que a rede deveria pressupor uma outra lógica econômica, que não pode ser igual à lógica analógica de um jornal, de uma circulação anacrônica.

Numa evidência da articulação entre os entrevistadores, Caio Túlio Costa faz referência à edição da revista da Escola Superior de Propaganda e Marketing que traz em destaque o tema “jornalismo pós-industrial”. Com a publicação da ESPM nas mãos, o mediador Mario Sergio Conti exhibe a capa da revista.

Torturra assume o comando da discussão em torno da questão abordada por Caio Túlio Costa e Mario Sergio Conti e, num interessante movimento de sintonia com os entrevistadores, Torturra explica que o jornalismo pós-industrial está associado a essa “nova lógica econômica”, modelo de jornalismo que o grupo Mídia Ninja busca aplicar:

**Bruno Torturra** – Eu ia exatamente comentar sobre isso. Acho que estamos vivendo exatamente isso [o jornalismo pós-industrial]. Acho que isso vai ser muito positivo para o jornalismo. Que ele deixe de ser encarado como uma atividade industrial, e que o jornalista pare de ser encarado como um operário, um funcionário convencional. Quando a gente está na idade da informação, e não mais na era industrial, como é que o jornalismo ainda é pensado nos moldes do começo do século XX? Eu sou muito otimista, não só em relação à minha sustentabilidade, mas à sustentabilidade de jornalistas e comunicadores e muita gente que, não só está sem emprego hoje, que está saindo dessas redações, mas uma juventude enorme que tem vontade de ser jornalista hoje com muito mais abertura, com muito mais liberdade do que a minha geração teve, do que a sua geração teve também. Imagino até que pela capacidade tecnológica. O que eu acho que tem de ser tirado do foco, na verdade, é que a gente ainda é muito refém dessa lógica de que o jornalismo é necessariamente muito caro. Muito caro talvez seja ter um prédio de vinte andares, ter um *publisher* que tem uma expectativa de crescimento alto. Mas como é que a lógica de rede, que a internet representa, não se torna uma nova lógica econômica dentro da idade da informação, dentro do jornalismo? É isso que estamos em busca.

Torturra explica o que caracteriza o modo de atuar da Mídia Ninja: “A gente é muito empírico, a gente faz as coisas muito no instinto e na experiência que anteriormente deu certo”. Podemos identificar na declaração de Torturra sobre a proposta do grupo Mídia Ninja semelhanças com o modelo também aplicado no jornalismo tradicional, no qual são feitas experimentações no processo produtivo, de acordo com as diversas formas de manifestações de interesse do público. No que diz respeito a esse processo tentativo, fazemos referência a Braga, para quem “a tentativa do processo ultrapassa as tentativas dos participantes – a própria produção de ‘códigos interacionais’ é tentativa e se fixa ou se dilui na medida mesmo da produção de resultados sociais, conforme os objetivos locais que lhe são atribuídos e que, sabemos, sofrem deslocamentos ou mutações” (BRAGA, 2012, p. 6).

Essas semelhanças entre a Mídia Ninja e a mídia tradicional são características de uma sociedade em midiatização, marcada por uma lógica de circulação de informações da qual participam empresa, jornalista e público. Sob essa perspectiva, mais uma vez nos remetemos a Braga (2011, p.7), que considera que “o aspecto positivo da situação atual de midiatização é a multiplicação de oportunidades de experimentação”.

### **Transformações no critério de credibilidade**

Ao mesmo tempo em que percebemos semelhanças entre a mídia tradicional e a Mídia Ninja, são evidenciadas diferenças entre os dois modos de produção, como é possível identificar na fala de Torturra, a seguir. Ele aponta uma diferença básica entre o modelo do jornalismo tradicional e o modo de representação da Mídia Ninja: a percepção do que seja credibilidade jornalística:

No que a gente confia muito hoje em dia é que, da mesma forma que estamos falando do jornalismo pós-industrial, o leitor também tem de passar da sua passividade. O leitor precisa entender que se ele valoriza o mercado de informação democrático, ele também vai ter que ser responsável por ele. Ele também vai ter de financiar isso. Se ele quer a tal credibilidade.

Ao fazer referência à “tal credibilidade”, Torturra parece dar pouca relevância ao critério credibilidade jornalística, como se, para o trabalho da Mídia Ninja, esse critério não tivesse tanta importância. Torturra trata com certa indiferença o item que para o jornalismo tradicional representa o principal critério, o “capital simbólico do



jornalismo” (Berger, 1996). Fazemos alusão, também, a Moretzsohn (2013). Em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo, a pesquisadora trata da credibilidade jornalística e as relações com a produção midiática adotada pelas novas tecnologias. Faz referência ao papel do jornalista como mediador para garantir a manutenção do item credibilidade no topo da relevância da produção da notícia: "Há um aumento brutal de fontes que querem se apresentar como informação, e é preciso selecionar tudo isso de forma muito mais criteriosa. Os jornalistas continuam tendo esse papel de mediação. Que credibilidade tem a internet, de forma geral? Posso publicar o que eu quiser e depois apagar, como indivíduo. Mas sempre há uma promessa de credibilidade no jornalismo, seja na forma de grandes empresas ou nas formas alternativas".

Inferimos da declaração de Torturra que existe uma diferença básica nos princípios dos dois tipos de prática jornalística. É possível, portanto, se fazer o questionamento sobre o jornalismo desenvolvido pela Mídia Ninja, já que para obter o *status* de notícia um acontecimento precisa ser transmitido sem possibilidades de questionamento se é crível ou não. Diferentemente da ficção ou da arte o jornalismo trabalha com fatos concretos da realidade. A reflexão sobre a “tal credibilidade” à qual se refere Bruno Torturra se dilui ainda mais quando o idealizador da Mídia Ninja diz que se o público quer se sentir representado deve ajudar a financiar o jornalismo independente. Para isso, o grupo pensa em financiamento colaborativo.

### **É possível ter independência editorial?**

No calor do debate, Suzana Singer faz uma pergunta que trata de financiamentos públicos, no que diz respeito à relação entre financiamentos e liberdade para fazer um jornalismo independente:

**Suzana Singer** – Vocês disseram que tem pouca influência a verba pública no Fora do Eixo. Mas o Capilé, em uma entrevista para o El País, há pouco tempo, citou um patrocínio da Petrobras de 800 mil reais, que é um senhor patrocínio. Imagino que um dos maiores da estatal. Qual o peso dessa verba e o que foi feito?

Na condição de mediador<sup>4</sup>, Mario Sergio Conti reforça o questionamento da entrevistadora e lança a seguinte pergunta aos dois entrevistados: “Vocês se sentem

---

<sup>4</sup> Em análise sobre o programa Roda Viva, José Luiz Braga observa que “o mediador é a garantia das ‘regras não escritas’ de bom funcionamento do programa. [...] É, também, entrevistador. Reiteradamente



livres e independentes para, por exemplo, serem financiados pela Petrobras e fazer uma reportagem mostrando ‘malfeitos’ da empresa?”.

**Bruno Torturra** – Me sinto completamente independente para tratar qualquer tema e não me sinto de forma alguma patrocinado pela Petrobras.

**Mario Sergio Conti:** Mas você recebeu...

**Bruno Torturra** – Esse investimento foi específico para festivais de música que aconteceram no país inteiro. É importante entender como essa lógica financeira é muito complicada para a gente explicar rapidamente porque ela é em rede. Ela funciona em fluxo. Não é que o dinheiro dos festivais esteja sendo direcionado para a Mídia Ninja. Nenhum desses editais foi específico para a Mídia Ninja. Então, por enquanto, não há nenhuma verba de governo ou de empresa que tenha financiado de alguma forma.

Os entrevistadores se solidarizam na elaboração das perguntas. Wilson Moherdau questiona: Mas Bruno, e se tiver?

**Bruno Torturra** – Acho que é pela dependência de dinheiro privado, de empresas de patrocínio que o mercado da mídia está quebrado. [...] Eu acho que investimento público em iniciativas de comunicação, desde que ele seja totalmente aberto e outros grupos possam disputar também, que não seja feito a portas fechadas, é legítimo. Porque é algo de profundo interesse público, que a informação se democratize. Até porque há muito dinheiro público na grande mídia.

Dines retoma a questão da cobertura das manifestações de junho. Uma forma de tornar o debate mais amplo. Financiamento público, financiamento colaborativo fazem sentido se pensados no contexto de um jornalismo que possa avançar no modo de produção ao qual se propõe ser exercido. A participação de Dines torna o debate mais direcionado, no sentido de que o “gancho” desta entrevista é a repercussão obtida na mídia e na sociedade da cobertura feita pela Mídia Ninja às manifestações de junho, ao papel do jornalismo na sociedade, às transformações no jornalismo, às mudanças na sociedade:

**Alberto Dines** – Pablo, a parte de conteúdo jornalístico, isso também é extremamente importante. Porque vocês, rapidamente, num salto extraordinário, foram para a crista da onda. Especialmente pela cobertura das manifestações. Vocês trouxeram um olhar diferente das manifestações. Mas e depois, quando elas pararem, diminuirão? Porque há uma fadiga natural, um arrefecimento natural. Mas vocês acham que depois vocês conseguirão manter o interesse público?

**Pablo Capilé** – Já estamos nessa muito antes da jornada de junho.

---

percebemos que essa última função é usada no interesse da função mediadora, equilibrando as regras – provocações se o programa está morno, redirecionamento temático quando o ângulo tratado parece esgotar-se, relançamento de questões se houver recorrência excessiva nos argumentos contrapostos” (BRAGA, 2007, p. 5).

**Alberto Dines** – Mas junho...

**Pablo Capilé** – É. Junho teve uma importância. Você teve um conjunto de indignações e tudo isso leva a coisa pra cima. Mas nós já estamos nisso há muito tempo. Além de se discutir o jornalismo, temos que discutir também o midiativismo. De o ativista fazer a sua comunicação, de dar transparência para esse processo. E acredito que essas pessoas continuarão se organizando. Muitas manifestações ainda acontecerão. Mas para além delas, pautas não nos faltam.

**Alberto Dines** – Tem Amarildos<sup>5</sup> todo dia.

**Pablo Capilé** – Tem Amarildos todo dia acontecendo. E uma das coisas que o Mídia Ninja tem trabalhado também é, para com o tempo, se tornar desnecessário.

Como jornalista experiente e competente, Alberto Dines enfatiza aquilo que quer destacar como sendo uma declaração relevante do entrevistado:

Se tornar desnecessário?

**Pablo Capilé** reafirma o que acabara de dizer:

Se tornar desnecessário. Muitas iniciativas têm surgido no Brasil. Ou seja, a capacidade de perder o controle, de entender que em um certo momento consegue inspirar que outras iniciativas consigam também ter essa solidez.

A intervenção de Dines nos leva a refletir sobre as mutações sofridas pelo produto noticioso, pela notícia em si. Isso nos remete ao que diz Jorge (2013, p. 21): “A notícia é um organismo vivo, pulsante, envolto em contradições. Como é fruto de ruptura, seu equilíbrio é sempre instável. O que não quer dizer que não busque equilibrar-se – um movimento tão forte como o renovar-se. Ao tentar se equilibrar, ela já procura novamente a mudança, o rompimento, o novo – e *muta*”.

### A “nova mídia” e a “velha mídia”

Observamos a seguir um debate instigante sobre “nova mídia” e a “velha mídia” a partir de fatos concretos da realidade, com base na cobertura feita pela Mídia Ninja das manifestações de junho:

**Wilson Moherdau** – Vocês têm procurado (acho que vocês não gostam muito dessa expressão, porque é uma coisa da mídia tradicional) ouvir os dois lados, quando fazem as coberturas de vocês?

---

<sup>5</sup> Dines refere-se ao ajudante de pedreiro Amarildo de Souza, que sumiu depois de ser levado por policiais militares para a sede da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Rocinha, no Rio de Janeiro, no dia 14 de junho deste ano. O desaparecimento de Amarildo foi uma das bandeiras levantadas por manifestantes, que queriam explicações sobre o sumiço do homem que pode de ter sido torturado e morto por policiais.

**Bruno Torturra** – Se alguém olha a nossa cobertura, a gente ouve todo mundo. A gente não se priva de falar com policiais.

**Mario Sergio Conti** – A impressão que se tem é a de que vocês não vão só cobrir a manifestação. Vocês vão proteger, participar. É um tipo de jornalismo com um *parti pris* nítido. Vão ouvir o comandante da polícia, mas para proteger a manifestação. Não existe isenção ali. Me parece que é uma coisa muito engajada. Não estou condenado. Estou dizendo: é assim.

**Wilson Moherdau** – Até porque vocês estão virando personagens. Vocês vão com visão tão firme, tão preconcebida pra fazer a cobertura, que viram personagens da notícia.

Torturra concorda com o ponto de vista dos entrevistadores e assume que, em nome da “democracia”, há parcialidade na cobertura feita pela Mídia Ninja:

**Bruno Torturra** – A manifestação, ultimamente, tem encarado a Mídia Ninja quase como um serviço de utilidade pública: “filma isso, filma aquilo...”. De fato a nossa cobertura protege o manifestante. Mas antes de ser um manifestante ele é um cidadão que está sendo atacado de forma muito violenta pelo Estado por estar exercendo um direito. A gente está protegendo a democracia quando a gente toma lado em uma manifestação porque a gente não está defendendo o argumento do manifestante, necessariamente, mas o direito dele de estar lá.

Singer cobra uma posição dos entrevistados sobre o vandalismo que também fez parte das manifestações:

O que vocês acham dos atos de vandalismo?

Torturra fala com naturalidade sobre a relação com pessoas que adotam a tática black bloc<sup>6</sup>, que por sua vez não se relacionam bem com a mídia tradicional.

**Bruno Torturra** – Eu estive presente em vários atos de vandalismo para transmitir tudo o que eles estavam fazendo. Fomos bem recebidos pelo black bloc.

Moherdau insiste no questionamento feito pela colega sobre qual o ponto de vista da Mídia Ninja sobre a tática black bloc:

**Wilson Moherdau** – Vocês acham isso bom?

---

<sup>6</sup> “Bloco negro”. Assim são identificados os militantes de manifestações que optam por se vestir de negro e cobrir o rosto com máscaras da mesma cor. Trata-se de uma tática militante. Os primeiros black blocs surgiram na então Alemanha Ocidental, no início dos anos 1980, no seio do movimento autonomista alemão. O autonomismo se desenvolveu como um conjunto de experimentos sociais organizados por setores que optaram por se manter à margem do modo de vida dominante imposto pelo capitalismo e criar focos de sociabilidade alternativos nas sociedades capitalistas, mas pautados por valores e práticas opostos aos dominantes. Com adaptações do texto de FIUZA, Bruno.

Torturra defende o direito de não fazer juízo de valor sobre a tática. Neste aspecto identificamos relações com a percepção do sociólogo alemão Manuel Castells, para quem “foi basicamente a humilhação provocada pelo cinismo e pela arrogância das pessoas no poder, seja ele financeiro, político ou cultural, que uniram aqueles que transformaram medo em indignação, e indignação em esperança de uma humanidade melhor” (CASTELLS, 2013, p. 95):

**Bruno Torturra** – Não é uma questão de achar isso bom ou ruim, mas a minha motivação quando vou à rua não é a mesma do black bloc.

Não satisfeita, a *ombudsman* da Folha de S. Paulo insiste na questão:

**Suzana Singer** – Mas você condena esse tipo de ação?

A resposta de Torturra revela que há posicionamentos individualizados dentro do grupo Mídia Ninja sobre as ações do black bloc, mas mostra-se sensível à causa:

**Bruno Torturra** – Eu não me identifico. Eu vou com a minha cara. Mas acho que não dá para discutir a ação do black bloc sem antes discutir a prioridade midiática e o escândalo que a sociedade sente quando um vidro é quebrado, o patrimônio de um banco é depredado e a gente não encara de maneira escandalizada quando um cidadão é agredido.

Neste momento da entrevista, Suzana Singer fala de modo mais vigoroso. Parece querer clareza no posicionamento do entrevistado sobre a violência ocorrida durante as manifestações:

“Você tem de discutir a cobertura da mídia para depois ver se é válido ou não?”.

**Bruno Torturra** aponta uma justificativa para as ações do black bloc:

“Não. O que temos de entender é que eles são jovens que sofrem violência do Estado há muito tempo. A maioria deles não confia no Estado”.

O mediador do programa quer uma posição mais precisa:

**Mario Sergio Conti** – Isso é apuração ou suposição?

**Bruno Torturra** – É apuração.

**Mario Sergio Conti** – Eu não vi coberturas sobre isso.

**Bruno Torturra** – A gente transmitiu várias delas. Por exemplo, tem um jargão deles que é muito claro, em que eles falam que “vândalo é o Estado”. Eu não concordo, necessariamente, não me identifico com o vandalismo nem o direito ao vandalismo, mas consigo entender de onde esse

pensamento vem. Eu consigo entender um jovem que apanha da polícia, que respira gás lacrimogênio, que é um gás altamente tóxico...

A *ombudsman* especifica os tipos de ação do black bloc e pede uma explicação, já que a Mídia Ninja tem bom trânsito com alguns responsáveis por atos de violência praticados durante as manifestações:

**Suzana Singer** – E o que saqueia loja?

**Bruno Torturra** – O que saqueia loja é outra coisa. O black bloc, mais do que um movimento, é uma estética, é uma tática internacional que tenta quebrar símbolos do capital. [...] Acho que tem muito pouco repórter da mídia tradicional presente nas ruas, falando com o black bloc. Mesmo porque eles também não falam com a grande imprensa.

Para compreender qual a posição da Mídia Ninja sobre a situação de tensão que se instalou nas ruas durante as manifestações, Caio Túlio Costa busca um equilíbrio ao tratar da violência praticada pela polícia e também pelo black bloc:

**Caio Túlio Costa:** O movimento ganhou uma repercussão muito maior a partir daquela quinta-feira fatídica [20 de junho] em que a polícia agrediu manifestantes. A cobertura ganhou não somente a opinião pública, que passou a engordar cada vez mais as manifestações, porque estava solidária àquela forma de violência, como ganhou também da mídia tradicional, da mídia clássica. A Folha de S. Paulo fez um editorial criticando e imediatamente outro defendendo o direito de as pessoas irem às ruas. Só para não ficarmos nesse maniqueísmo. Agora, o fenômeno black bloc é outra coisa: são pessoas que vão ali organizadamente com o intuito de fazer a depredação de determinados bens públicos. Eu já vi que não depredaram museus, mas depredaram bancos. Então há uma escolha. Um filtro. Até que ponto os ativistas “autorais”, como diz a Marina, do Mídia Ninja estão a favor ou não ou estão condescendendo ou não com esse tipo de manifestação?

Torturra atribui à Mídia Ninja o papel de uma transmissão mais livre das manifestações: Observamos na declaração a seguir que a independência à qual Torturra refere-se está associada a fazer a cobertura da violência:

**Bruno Torturra** – A gente não está apoiando. O que a gente está fazendo é o que a gente se propõe no nosso nome: uma narrativa independente sobre o que está acontecendo.

O diálogo a seguir gira em torno do posicionamento político do grupo Mídia Ninja:

**Mario Sergio Conti** – Mídia Ninja é um jornalismo engajado, político, que toma partido. Vocês estão mais próximos, politicamente, do Movimento Passe Livre, do black bloc, da Marina (Rede), ou do PT?

**Pablo Capilé** – Nós estamos próximos de tudo ao mesmo tempo.

**Mario Sergio Conti** – Isso não existe. Eu estou perguntando: politicamente, você está próximo de quem?

**Pablo Capilé** – De vários: do black bloc, do ativista autoral. A gente tem respostas pessoais pra essa pergunta e repostas como bloco. Como bloco, o Mídia Ninja é multifacetado, está próximo de quem procura que os diálogos sociais aconteçam. Eu, particularmente, estou próximo de uma esquerda, de um processo mais igualitário, de construção conjunta.

**Bruno Torturra** – Eu também me identifico com os valores de esquerda. O MPL [Movimento Passe Livre] tem diversas coisas que eu assino embaixo. Mas eu venho de uma formação do jornalismo. Politicamente eu venho muito mais do jornalismo do que de qualquer outra coisa.

Eugênio Bucci faz uma análise do papel da Mídia Ninja e sua relação com a mídia tradicional, cita o caso do aparecimento da Mídia Ninja no Jornal Nacional durante a cobertura das manifestações, na perspectiva de que ganhar espaço na mídia tradicional tem o sentido de validar o trabalho jornalístico da Mídia Ninja:

Eu vejo uma coisa de notável até mesmo nessa indefinição que vocês estão conseguindo trazer ou que vocês estão conseguindo transformar em tema. Eu acho muito impressionante quando uma imagem do Mídia Ninja precisa ir para o Jornal Nacional. Precisa completar aquela informação e entra no Jornal Nacional.

Bucci explica que a função do programa Roda Viva é promover um debate provocativo, mas que se permitiu concordar com o entrevistado:

Não sei se posso concordar com o entrevistado, porque aqui a gente procura, pelo método da contradição, fazer com que as coisas aflorem. O ponto que eu queria concordar e deixar uma pergunta é o seguinte: eu acho, Bruno, que você tem razão quando fala que o negócio do vandalismo é mais complexo. E um dos problemas da cobertura é assim: “manifestação ordeira e pacífica versus vandalismo”. O vandalismo também se subdivide em várias coisas. Quando a Polícia Militar atirou nos manifestantes praticou vandalismo. Vandalismo fardado, o que é pior. A simples colocação de “é mais difícil de entender” é uma informação porque leva a uma reflexão que é papel do jornalismo, sim, o papel que o jornalismo tradicional não está conseguindo fazer.

Bruno Torturra responde com a propriedade de quem viveu intensamente a cobertura nas ruas:

Eu acho que o que está muito claro, nos últimos meses, é que há uma fauna ideológica riquíssima na rua. E isso criou uma crise narrativa muito grande na mídia e até mesmo na cabeça de quem está nas ruas. Há uma incompreensão de quem está olhando a coisa de cima. Quando você vai para a rua, frequenta as manifestações e fala com as pessoas, e não simplesmente observa, você vê que há um caldo fervendo, de narrativas múltiplas. O que está acontecendo, me parece, é mais uma guerra de memes, uma guerra de imaginários, do que uma guerra ideológica entre direita e esquerda.

## Uma nova objetividade?

Tradicionalmente a objetividade jornalística está associada ao distanciamento necessário do jornalista em relação à notícia, propõe o afastamento do jornalista para uma fiel reprodução dos fatos como eles se apresentam na realidade. O diálogo que destacamos a seguir traz à tona a questão da objetividade jornalística:

**Suzana Singer** – Vocês fazem um jornalismo com ativismo. Vocês misturam essas duas coisas. Transmitem as manifestações do ponto de vista de quem está na passeata. Ao mesmo tempo vocês criticam a grande imprensa pela falta de imparcialidade. Eu queria entender melhor o que vocês acham que é possível fazer em termos de imprensa?

**Pablo Capilé** – A grande imprensa não é imparcial. Seria mais honesto que ela assumisse uma parcialidade. E a partir daí a gente inicia o debate. Porque não é imparcial. Nós assumimos a nossa parcialidade e, em cima dessas multiparcialidades, vamos iniciar o debate.

**Mario Sergio Conti** – Não vou defender a Folha, que não precisa ser defendida, mas ela deu todas as posições, ela dá. O Roda Viva, que é grande imprensa. Vieram aqui o Movimento Passe Livre, o Fernando Henrique Cardoso, o Rui Falcão, vêm vocês. Isso é grande imprensa.

**Pablo Capilé** – O Roda Viva é uma TV Pública. Presta um serviço público, não é como um jornal privado que em determinado momento diz que é imparcial...

**Bruno Torturra** – Mesmo no Roda Viva em outros momentos têm coisas muito sérias que acontecem quando ferem o interesse do Governo do Estado.

Bruno Torturra faz referência a um novo conceito: o de uma “nova objetividade”:

O problema que eu acho que a grande mídia precisaria entender é que a nova objetividade vem da transparência, clara, do que pensa e de como essa informação é produzida. A gente não esconde nada. A gente transmite as nossas entrevistas radicalmente ao vivo. A gente deixa muito claro o que a gente pensa. Evidente que há muito o que avançar no jornalismo que a gente faz. A gente é uma rede iniciante, feita de gente muito jovem.

Torturra repete uma promessa do jornalismo tradicional da chamada “objetividade jornalística” (o jornalista mostra as coisas da realidade com fidelidade factual), mas é preciso pensar que, como propõe Victor Eduardo Braga, “a vontade de verdade no jornalismo traz junto com a ideia de desvelamento a proposta de que sua representação seja o jeito correto de se desvelar o fato. A adequação entre fato e notícia só seria possível através dos pressupostos da objetividade jornalística e fora disso só encontraríamos representações inadequadas à verdade do fato” (EDUARDO BRAGA, 2007, p. 29).



## A tecnologia que ajuda é a mesma que impõe limites

É importante pensar que a ambição de fazer um trabalho jornalístico que se proponha revolucionário pode esbarrar na organização do trabalho em equipe, tão explorado pela mídia clássica, ou mesmo nas limitações das ferramentas tecnológicas. Como podemos observar no trecho da entrevista, que reproduzimos a seguir:

**Wilson Moherdaui** – Em geral as redes são muito precárias, vocês devem ter problemas como todos nós temos. Mas na área de tecnologia, o que é relevante observarmos é que as pessoas, os governos, as empresas estão virando *dataholics*, são viciadas em informação. Por causa da abundância de informações oferecidas para todos. E vocês estão contribuindo para esse excesso de informações porque colocam informações brutas: vídeos *online* em tempo real, entrevistas não editadas, coisas quilométricas. São os chamados dados não estruturados, o chamado *big data*. Vocês colocam excesso de informação e as pessoas vivem a ansiedade da informação. Em algum momento é preciso tecnologia para editar isso. E aí vocês não têm mais controle sobre o que é editado. Isso não é uma preocupação pra vocês? Vocês estão gerando material bruto. Em algum momento vai chegar alguém que vai fazer a edição sobre o que vocês não têm controle. A outra questão, também relacionada com a tecnologia: o que as pessoas precisam ter como instrumento de trabalho, o que tem dentro da mochila dos mídia ninjas que vão cobrir as manifestações? O caminhão de reportagem de vocês eu sei que é um carrinho de supermercado onde vocês botam um *notebook* que serve de bateria para alimentar o *smartphone*. O que as pessoas precisam ter de instrumentos tecnológicos pra fazer a cobertura e que deficiências vocês têm sentido nesses instrumentos para fazer o trabalho que vocês fazem?

**Pablo Capilé** – Têm três coisas aí. A primeira é que nessa lógica de mídia de multidões você tá suscetível a esse *remix* e a essas recombinações o tempo inteiro. Com relação ao nosso maquinário, qualquer um hoje tem condição de se transformar em um ninja ou de construir seu próprio coletivo. Você tem um *twitCasting* [Serviço gratuito de transmissões ao vivo pela rede usando a câmera do celular ou a webcam], a gente pode ligar aqui agora e automaticamente 50 mil pessoas vão receber uma mensagem avisando que isso foi ligado. Seja por *email*, *twitter*. Os Ninjas não têm plano B e não têm recuar: se eles tiverem que tocar reto até na frente do choque para saber o que o choque está fazendo e como dar transparência para aquilo, eles vão fazer. Então é ter disposição, um celular na mão e um recarregador de bateria.

Atento às evoluções na linguagem jornalística, Alberto Dines declara que esperava que a Mídia Ninja preenchesse algumas lacunas na prática do jornalismo no país, algo que transcendesse a mera discussão sobre de que lado se está, como podemos observar no trecho a seguir:

**Alberto Dines** – Eu estou vendo que vocês, de certa forma, caíram numa armadilha da imprensa. Na questão do debate. O negócio ficou de novo governo e oposição, quem está favor ou contra o Governo. Eu acho que o problema da imprensa não Brasil não é partidário. Existem coisas que a imprensa não vai revelar e vocês estão um pouquinho receosos de entrar. Por exemplo, durante a visita do Papa, que é uma figura extraordinária, fascinante, tomou conta do país e do mundo. Mas eu imaginava que

vocês iam entrar com um debate sobre o laicismo. E o Rio de Janeiro parou quatro dias para receber um chefe religioso e o país não tem uma religião. Tecnicamente não está correto. O pobre do Observatório da Imprensa é o único que levanta a bandeira do Estado laico. E vocês estão discutindo ainda PSDB e PT. Isso pra mim não interessa. Eu esperava que vocês levantassem uma discussão sobre o estado laico.

**Bruno Torturra** – A gente cobriu pouco o Papa.

**Alberto Dines** – A questão não é o Papa.

A resposta de Torturra revela uma certa fragilidade na proposta de cobrir tudo, ao vivo.

**Bruno Torturra** – A questão da Igreja. Fomos até Copacabana várias vezes para falar com a juventude, perguntar o que eles achavam do Estado laico. Faltou um posicionamento nosso. Faltaram editoriais nossos e que não saiu por incompetência, por excesso de cobertura. Porque durante a visita do Papa, nós estávamos muito envolvidos com a questão do Amarildo. Nossos esforços estavam direcionados para lá.

**Alberto Dines** – É, mas vocês caíram nessa armadilha. ^

**Bruno Torturra** – É.

Assim como foi possível observar uma articulação entre os entrevistadores ao longo do debate, a mesma sintonia ocorreu com os integrantes da Mídia, que se complementam nas respostas, como já identificamos anteriormente, e podemos conferir também na resposta complementar de Capilé, a seguir:

**Pablo Capilé** – A gente tem de debater.

**Bruno Torturra** – É. A gente precisa debater...

### **Aspectos Conclusivos**

Durante uma hora e trinta minutos, estabeleceu-se um debate que deu voz tanto à mídia tradicional quanto à mídia alternativa. Isso torna elucidativa a entrevista do Roda Viva de 5 de agosto. O formato do programa favorece o aprofundamento do tema abordado. Nos ajuda a pensar sobre o jornalismo que é praticado pela Mídia Ninja e que implicações as experimentações contribuem para as mutações do jornalismo e da sociedade.

Observamos no debate que a experiência vivida por integrantes da Casa Fora do Eixo (berço da Mídia Ninja) com a produção musical oferece pistas para a articulação com pessoas da sociedade para a transmissão de informações sobre os protestos iniciados em junho (ocorreram outros depois disso). O debate nos ajuda a pensar em que

aspectos esse processo é jornalístico, que jornalismo está sendo praticado. Não se trata de um modo tradicional de se fazer notícia, mas podemos considerar esse modelo como sendo um jornalismo da “idade da informação”, uma “nova lógica econômica”, como o definiu Bruno Torturra. Nesse modelo de jornalismo proposto pela Mídia Ninja, jornalistas participam, garantem a própria sustentabilidade sem, necessariamente, assumir o compromisso com nenhum grupo político ou econômico.

O que é posto em questão é o critério da credibilidade, uma vez que não há controle sobre o que é publicado na internet como dado não estruturado, passível de ser editado por qualquer pessoa, com a versão que lhe convier. Essa fragilidade pode afetar o princípio básico da informação jornalística, que é ser crível. Também se pode pensar que o desejo manifesto de uma “nova objetividade jornalística” certamente esbarra nas dificuldades de objetividade enfrentadas pela mídia clássica.

O que se observa nesse debate é que a experiência com a arte foi aplicada no exercício da transmissão de informações. É interessante considerar a diferença básica entre os dois tipos de produção para que a informação mantenha o caráter noticioso.

Com base nas declarações dos integrantes da Mídia Ninja e nos posicionamentos dos jornalistas que representam a mídia tradicional, foi possível observar, de algum modo, as mutações ocorridas no jornalismo no contexto de uma sociedade em midiatização. Identificamos que a principal semelhança entre a Mídia Ninja e a mídia clássica é que ambas praticam o exercício de experimentação do qual participam mídia e sociedade.

Podemos inferir do debate que os fundadores da Mídia Ninja são pessoas articuladas. Mas também podemos concluir de algumas de suas falas que, assim como a mídia tradicional tem lacunas que precisam ser preenchidas, práticas a serem repensadas, a Mídia Ninja tem várias contribuições para o modo tradicional de se fazer jornalismo, mas também tem muitas arestas a aparar e precisa se aprimorar em muitos aspectos no que diz respeito à transmissão de informações.

## Referências

- BERGER, Christa. Em torno do discurso jornalístico. In: FAUSTO NETO (Org.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.
- BRAGA, José Luiz. **Uma teoria tentativa**. E-Compós, v. 15, n. 3, 2012.

\_\_\_\_\_. **Roda Viva – uma encenação da esfera pública.** Artigo publicado em “Comunicação Audiovisual - Gêneros e Formatos”, livro organizado por Elizabeth Bastos Duarte e Maria Lília de Castro, Porto Alegre, Editora Sulina, 2007, p. 97-116.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança.** São Paulo: Zahar, 2013.

BRAGA, Victor. **No descompasso do jornalismo – o deslocamento da objetividade nas reportagens de Ernesto Varella.** 2007. 114 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo. – redação, captação e edição no jornal diário.** São Paulo: Ática, 2001.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Mutação no jornalismo. Como a notícia chega à internet.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

### **Programa analisado**

Roda Viva. São Paulo, 5 de agosto de 2013. Disponível em <http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/roda-viva-recebe-idealizadores-do-grupo-midia-ninja>. Primeiro acesso em 8 de agosto de 2013.

### **Material coletado na mídia**

FIUZA, Bruno. Black blocs, lições do passado, desafios do futuro. Observatório Cidadão. Disponível em <http://helvior.blogspot.com.br/2013/10/black-blocs-licoes-do-passado-desafios.html> Acesso em 9 de outubro de 2013.

Reportagem da Deutsche Welle. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/dw/1320017-ascensao-da-midia-ninja-poe-em-debate-imprensa-tradicional.shtml> Acesso em 16 de agosto de 2013.